



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

ENTRE DOIS MUNDOS: A INTRODUÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS E A LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andreia Costa Moreira Santos
E. M. Hermógenes Reis - Brasil
andreiauff@bol.com.br

RESUMO: O presente trabalho propõe-se a fazer um relato de experiências. Em que através do estudo de caso, observarei o aluno e como ele age ante os espaços escolares e as pessoas que compõem o quadro de funcionários da escola, bem como os colegas de classe. O objetivo desse trabalho é tentar responder aos meus questionamentos de como se deve trabalhar na educação infantil com uma criança surda, filho de pais ouvintes e que não tem contato com a cultura surda em seu cotidiano, exceto na escola. Com base nos estudos de QUADROS, LACERDA, OLIVEIRA (et.al) e nas leis da educação relacionados a surdez, tivemos o intuito de trabalhar a aprendizagem do aluno em relação a língua de sinais e a língua portuguesa. Para o introduzir no universo da língua portuguesa e no mundo dos sinais em Libras. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Inclusão, cultura surda, identidade, libras.

Summary: The present work proposes to make an account of experiences. In that through the case study, I will observe the student and how he acts before the school spaces and the people who make up the staff of the school, as well as the classmates. The objective of this work is to try to answer my questions about how to work in



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

kindergarten with a deaf child, the son of parents and who has no contact with the deaf culture in their daily lives, except at school. Based on the studies by QUADROS, LACERDA, OLIVEIRA (et.al) and in the laws of education related to deafness, we had the intention of working the learner's learning in relation to sign language and the Portuguese language. To introduce you to the universe of the Portuguese language and the world of signs in Libras. The methodology used was bibliographic research.

Keywords: Inclusion, deaf culture, identity, Brazilian Sign Language.

INTRODUÇÃO

A cultura da escrita como uma produção social adentra no mundo das crianças pequenas desde cedo. Em seu cotidiano, as crianças estão cercadas de letras, imagens, números e símbolos. A linguagem oral nessa fase é um importante meio de comunicação entre a criança e o outro ser. O brincar, o reconhecimento de si e do outro também.

A partir do momento em que a criança está inserida em um contexto social, político e histórico, ela passa a fazer parte de uma cultura. E a escolarização passa a ser o meio pelo qual a criança aprende sobre o mundo que o cerca. Para apresentar à criança pequena a esse mundo, aos quatro anos de idade, inicia-se o processo de escolarização. Com base na lei de nº 12.769/2013 das Leis de Diretrizes e Base (LDB) da educação. Com a escolarização vem o alfabetizar iniciando-se desde cedo nas escolas o mundo das letras e dos números.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

A criança aprende nas interações, nas convivências, no lúdico e passa a ter contato com o mundo das informações, das letras, do aprendizado com o outro. Através do meio social em que vive, aprende a se comunicar por meio da fala, sem saber a importância da escrita.

”A escrita e a fala, como práticas sociais, determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e do letramento dentro de uma sociedade. Essa relação é determinada por um contínuo sócio-histórico de práticas traduzidas através de uma gradação ou mesclagem”. (NOBRE,2011)

Ao pensar no lugar em que as crianças precisam ocupar para dominar a leitura e a escrita, vem à mente a escola. A escola parece ser o espaço de aprendizagem para que a criança seja conhecedora da escrita.

Na educação infantil há um olhar específico sobre a criança como um ser social, histórico e produtor de seu conhecimento. E que tenha como se desenvolver e aprender em um espaço reservado para ela:

“Por sua vez, a definição da finalidade da Educação Infantil como sendo o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” evidencia a necessidade de se tomar a criança como um todo para promover seu desenvolvimento e implica compartilhamento da responsabilidade familiar, comunitária e do poder público”.(portal.mec.gov.br).

Ressaltando que a criança pequena aprende com o outro nas interações, seja em casa, na rua, na igreja ou em qualquer ambiente em que se encontrar.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

O que dizer então, de uma criança surda? Como iniciar na educação infantil uma criança de 4 anos, proveniente de uma família de ouvintes que não conhecem Libras (Língua Brasileira de Sinais)? E em que contexto essa criança deve ser inserida: em salas regulares com intérprete de Libras ou em salas somente com outros alunos surdos?

EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DA SURDEZ

Relato minha experiência como professora de apoio bilíngue, nesse ano de 2017, em uma classe regular. Trabalhando em uma UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) no município de Niterói. Para preservar a identidade do meu aluno, de quatro anos de idade, o chamarei de “Nel”.

Sou Pedagoga, pós-graduada no curso Pigead / UFF (Planejamento, Implementação e Gestão da EaD), com Curso de Libras (nível 4) realizado pela SEMEC/ Itaboraí, e cursando Libras na Igreja Nova Vida de Colubandê. Já tive experiência com uma aluna deficiente auditiva que usava implante coclear, com a qual trabalhei dois anos. A mesma tinha 12 anos na época, e estava inserida no 4º ano do Ensino Fundamental. Porém essa sabia ler, escrever e contar e pouco lembrava de sinais em Libras, e eu como apoio da mesma a ensinei o básico e um pouco de língua portuguesa.

Seria a primeira vez com uma criança pequena e surda, que pouco teve contato com Libras no ano anterior, através da outra professora de apoio bilíngue da escola. O aluno veio bem arredio, recusando-se a aprender a rotina escolar, bem como sinais em Libras do cotidiano.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

Como ajudar no processo de aquisição da língua (seja em Libras, seja em Português), no reconhecimento de si como sujeito e do meio social em que está inserido se essa criança não ouve e não tem contato com a linguagem oral?

Segundo QUADROS: “ *As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social.*” (p.13, 2006). E através da linguagem, o aluno se comunicaria e se expressaria. Mas a tarefa parecia árdua. Pois o aluno surdo não aceitava e não se esforçava, a princípio, em conhecer aqueles sinais que eram feitos para ele.

Para melhor compreender o aluno, foi feito um estudo de caso com base em uma metodologia através da pesquisa bibliográfica. Foi importante conhecer outros trabalhos na área.

Pensei em como trabalhar com essa criança e o que eu esperava dela. Para tal, o uso de Libras era fundamental. Sem deixar de ensinar o português, a língua mãe dos brasileiros. Sabendo que: “Os surdos brasileiros usam a língua brasileira de sinais, uma língua visual-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas.” (QUADROS, p. 13, 2006).

Os trabalhos com crianças surdas devem ser ministrados em Libras sem esquecer da língua portuguesa. Essa é uma conquista da comunidade surda, desde 2002, e que está amparada pela lei 12.769, de 2013 onde lemos no *Art. 1º* : “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. ”



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

A importância da língua portuguesa na vida de uma criança surda o ajuda a conhecer o seu nome, o nome do lugar onde mora, os familiares, os demais sujeitos sociais, a forma jurídica, política e histórica no seu país.

SOBRE O ALUNO

Esse aluno passa por acompanhamento de uma fonoaudióloga, pela professora da sala de recurso da escola em que estuda, além do meu apoio diariamente. Conta também com a participação das duas professoras de referência da turma, visto que, em Niterói as classes da Educação Infantil trabalham com a bidocência.

Quando cheguei à UMEI, o aluno não me olhava, relutava em me acompanhar, parecia não aceitar minha presença. Talvez, por falta da professora anterior de apoio. Não aceitava olhar para mim quando eu sinalizava em Libras. Não obedecia às regras, fazia as tarefas da turma no seu tempo. E demonstrava não compreender as propostas das atividades.

Hoje, com muita dedicação, calma e mediação, consegui, junto às professoras de referência da turma, e parceria com os funcionários da escola uma comunicação com o aluno.

Precisei ler muito sobre alunos surdos. A observação se dá no período de 8h, no ambiente escolar, sendo avaliado cada gesto, olhar, atitude, tento decifrar. Por ser metódico, o aluno já tem em mente a rotina da escola.

Quando quebramos a rotina, ele se desespera, ficando desestabilizado. Porém é um aluno carinhoso e esperto quando está bem. Só não gosta de ser contrariado. Ele nos testa a todo o momento.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

Ultimamente, não vai ao banheiro, refeitório ou outro espaço da escola sem me chamar. Após muita luta e conquista, consegui um pouco de sua confiança. Embora seja autônomo em suas atitudes, espera pela minha aprovação sempre. Olhando-me e esperando minhas respostas em Libras para cada atitude.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS

Para iniciar o processo de aprendizagem do aluno que tinha em minha mente, precisava ganhar sua confiança para adentrá-lo no mundo dos Sinais em Libras. Não que ele não tivesse contato anteriormente com a outra professora, mas eu tinha algo reservado para ele. Primeiro passo foi ter uma maneira de nos comunicarmos. Então, confeccionei um caderno de “Conceitos”.

Nesse caderno coleí os sinais da rotina escolar, dos membros da família, números, alfabeto, alguns meios de transporte, meses do ano, alimentos, cumprimento e comandos. Cada folha do caderno tem:

- Um sinal para a imagem;
- Uma imagem;
- E a imagem vem acompanhada da palavra em português.

O que pretendia com isso? Mostrar ao aluno que para cada objeto, pessoa ou ação do dia a dia, havia uma forma de se comunicar. Mostrava para o aluno a imagem (exemplo, comer), fazia o sinal e fazia a datilologia do nome da palavra. Com isso, o aluno foi internalizando os sinais e fazendo associações. Ele ainda não faz com suas próprias mãos alguns sinais em Libras (na sua maioria), mas compreende facilmente o que é sinalizado para ele.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

O tempo tem sido meu aliado. Digamos que em 4 meses alcançamos mais do que o esperado. No início do mês de maio de 2017, o aluno apresentou a vontade de balbuciar e juntamente tentar sinalizar com as mãos o que ele pretendia.

Nas rodas de conversa (chamadinhas). Ele participa, ajuda e tenta falar com as outras crianças usando as mãos. Como eu faço e as outras professoras da sala fazem igualmente. Somos uma equipe. Na sala de recursos o aluno tem reforçado as especialidades que ainda não foi desenvolvido, como por exemplo: a coordenação motora fina. Pois o aluno ingressou na rede pública no ano passado, mesmo ano em que teve o primeiro contato com a língua de sinais. Sem muito contato com a Libras, a comunicação ficava restrita, pois o aluno tem surdez severa. Sabendo que: "A língua de sinais vai ser adquirida por crianças surdas que tiveram experiência de interagir com usuários de língua de sinais." (QUADROS, p. 20, 2006).

A mãe do aluno é parceira da escola. Até se matriculou em um curso que é dado pelo Município de Niterói, pela Fundação (FME), aos pais de alunos surdos e professores. Para aprender a se comunicar em casa com seu filho. Toda sexta-feira, a mãe do aluno leva para sua casa o caderno de Conceitos, para dar continuidade ao trabalho que é feito em sala de aula. O aluno é muito observador.

Quando não compreendemos o que ele quer, e se o mesmo percebe isso, tenta nos mostrar de outra forma. Se não conseguir, fica irritado e chora. Por vezes aponta, balança a cabeça e até balbucia: "...também é verificado o início do uso de negação não manual, através do movimento da cabeça para negar..." (QUADROS, p.20, 2006). E como o observo também, utilizo muito os sinais interrogativos: Como? Onde? O que?



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

Às vezes, acho que me frustro mais do que o aluno, por nem sempre saber o que ele deseja. Tenho acertado muito, mas por vezes passo distante do eu ele quer.

Acredito que, por não ter outras crianças surdas ele não se sinta à vontade de utilizar de sinais em Libras para se comunicar, quer pertencer e ser igual aos ouvintes.

Às vezes, peço aos coleguinhas da mesa em que ele estiver sentado para sinalizar igual à mim, fazendo-o pertencer ao que apresento. Tem dado certo. Ele até repete os sinais.

Outra estratégia que tenho utilizado ao meu favor e para o desenvolvimento do aluno é o seu fascínio por “helicóptero”. Tenho registro do aluno brincando com um helicóptero de brinquedo da escola, e quando não tem em mãos o objeto, recria situações que se assemelhe ao brinquedo. Utiliza de régua para imitar a hélice do helicóptero, usa massinha e palitos de picolé que tem em sala de aula.

Quando o aluno não quer obedecer à rotina da turma, porque para tudo há um horário, necessito fazer um diálogo com o mesmo para que ele realize as tarefas e depois dou o brinquedo. Às vezes, não dá certo, a troca. Mas tentamos imediatamente mediar com outras propostas. Aprendi que, com o aluno tenho sempre que ter um plano B. Cada tarefa apresentada para a turma, no dia seguinte adapto para o aluno utilizando sinais em Libras. Seja para as histórias contadas para a turma, seja nas propostas do ano letivo. Sempre adapto, porque tenho observado que se eu não mediar, ele não compreende a proposta.

Um entrave que tivemos foi quando trabalhamos o reconhecimento do “eu”. O aluno não se olhava no espelho. Não se desenhava, pois não se reconhecia. Seus desenhos eram puro rabisco. Com mediação, o aluno foi dando cores e formas aos seus



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
 - 06 de julho 2017 -

desenhos. Utilizando sempre o português e os sinais em Libras para apresentar e ensinar o aluno de forma bilíngue. Por ser uma educação bilíngüe, a língua portuguesa vem juntamente com a língua de sinais:

“A idéia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.”(QUADROS, p.24, 2006).

INICIANDO O PROJETO

Iniciamos com o “Projeto Identidade”. O que nos custou um trabalho árduo. Pois como já expliquei, o aluno não se olhava, não se reconhecia, nem identificava o seu nome na ficha dos nomes. Fiz olhar-se no espelho, mostrei o que tínhamos no seu rosto e as partes do corpo (cabeça, tronco e membros).

Para dar ênfase ao projeto utilizamos:

- Contação de história. O livro: “O corpo de Bóris”, (Editora: Ciranda Cultural);
- Desenhamos o corpo das crianças em papel pardo. (Colocamos um aluno e uma aluna par fazermos o contorno do corpo deles, e demos nomes aos bonecos que surgiram), além de confeccionarmos uma roupa para cada personagem;
- Fizemos nos dias posteriores atividades para desenhar o rosto (olhos, sobrancelhas, nariz, boca e ouvidos), e as partes do corpo.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

A mesma tarefa que demos para turma foi a mesma que o aluno fez. No dia seguinte foi adaptado a mesma tarefa em Libras. Para que houvesse a inclusão do mesmo no mundo dos sinais e no mundo das letras. Parecia que não estávamos alcançando-o.

Percebi que ele não tinha um sinal de batismo (os surdos batizam outros surdos com um sinal). Não havia um surdo adulto na escola. Então eu o batizei com a letra inicial de seu nome. E comecei a chama-lo por essa letra. Ele se apropriou do sinal. Pois quando eu sinalizava o aluno compreendia. Comecei a produzir atividades com a letra do nome dele em Libras.

Também o levei ao espelho, com o intuito de que o aluno se reconhecesse, mas ele relutava em ver sua imagem. Tive uma ideia: Peguei meu celular e coloquei no modo “self” e colocava o aluno no meu colo para que ele se visse no telefone, fiz caretas e assim ele se visualizou. Em outro momento, apontei para meus olhos, nariz e boca e apontei para os olhos dele, o nariz e a boca e fiz sinal em Libras de “igual”, e desenhei um rosto com olhos, nariz e boca; e dei a ele uma folha para desenhar. E para minha surpresa ele fez o que eu havia feito.

E no mesmo dia, foi até o quadro imitar o boneco que desenhamos para contagem de meninos e meninas da turma naquele dia. Dei muitas tarefas com a letra do nome do aluno, para fixar e para que o aluno reconhecesse o seu nome. O aluno foi incentivado, nas rodas de conversa, na hora da chamadinha a pegar o seu nome também.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do projeto com a turma e com o aluno era a de fazer com que os alunos se reconhecessem como sujeitos sociais, que pensam e que aprendem. Foi preciso que, através desse projeto, o aluno surdo também se conhecesse. E que tivéssemos uma forma de nos comunicar. De olhar para as partes do seu corpo, de se identificar, de saber que o seu nome o pertencia.

Fez-se necessário apresentar o mundo das letras e números em Libras e em português, para que o aluno tenha direito a inclusão, tanto na língua materna de seu país quanto na língua utilizada pela comunidade surda no Brasil.

Temos alcançado objetivos inesperados. Precisa-se a cada dia criar estratégias para ajudar o aluno a produzir conhecimento. Pois o mesmo pede para que seja visto e atendido. E os resultados têm sido positivos.

A ideia agora é fazer com que o aluno tenha uma aprendizagem significativa. Ensinando-o sobre a cultura surda e sua inclusão no ambiente escolar na rede municipal de Niterói.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Pedro, CASTRO, Fernanda e RIBEIRO, Almeida. *Surdez Infantil. Rev. Bras. Otorrinolaringol.* Maio 2002, vol.68, no.3, p.417-423. ISSN 0034-7299. Acessado em: 20/05/2017.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
 - 06 de julho 2017 -

QUADROS, Ronice Müller de. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf> Acessado em: 20 /05/2017.

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60697/000862156.pdf?sequence=1>. Acessado em: 20 /05/2017.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf> Acessado em: 20 /05/2017.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acessado em: 20/05/2017.

Lei de nº 10.436/2002. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm Acessado em: 20 /05/2017.

Lei de nº 12.769, de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm. Acessado em: 21/ 05/2017.